

Jornal Dá Licença

PROEX-SIGProj MEC 362907.2033.49596.04032021

ISSN 2236-899X

ANO XXV

Nº 78

NOVEMBRO 2021

NESTE NÚMERO...

ÍNDICE

| | |
|------------------------------|-----|
| EDITORIAL - - - - - | 2 |
| ME FORMEI, E AGORA?! - - - | 2 |
| DICA DE VETERAN@ - - - - - | 3 |
| POR ONDE ANDAM... - - - - - | 3 |
| TROCANDO EM MIÚDOS - - - - - | 4 |
| LIVROS E LEITURAS - - - - - | 5 |
| AÇÃO - - - - - | 5 |
| MATEMÁTICAS IME-UFF - - - | 6-8 |
| MENTES MATEMÁTICAS- - - | 8-9 |
| FALANDO SÉRIO - - - - - | 9 |
| EVENTOS ONLINE 2021 - - - | 10 |



O Jornal Dá Licença traz para você os quadros “Me formei, e agora?!”, “Dica de Veteran@” e o “Por onde andam...”, onde professores e licenciandos contam suas experiências e os obstáculos profissionais.

Como novidade, esta edição traz as colunas “Matemáticas do IME-UFF” para falar da força feminina na área e “As mentes matemáticas detrás da História” com grandes personalidades do mundo.

Ainda nessa edição, oferecemos uma dica de leitura e divulgamos eventos virtuais promovidos pelo projeto Eventos em Educação Matemática em 2021.

Boa leitura!

EXPEDIENTE



Coordenador:
Prof Carlos Eduardo Mathias (GMA/IME)

Vice-coordenadora:
Profª Márcia Martins (UFF)

Docentes colaboradores:
Prof. Adriano Vargas Freitas (DED/IEAR)
Prof. Jones Colombo (GAN/IME)
Profª Luciana Prado Moura Pena (GMA/IME)
Prof. Paulo Trales (GAN/IME)
Prof. Wanderley Moura Rezende (GMA/IME)

Composição e Programação Visual:
Evelyn Murad - Bolsista PROEX-UFF
(Eventos em Educação Matemática - IME - UFF)

Discente colaboradora:
Júlia Vasconcelos

Colaboradores voluntários:
Danilo Magalhães Farias
Hygor Batista Guse
Natasha Cardoso Dias
Natália Teixeira Peixoto Gomes Martins



EDITORIAL

Quantas mulheres você conhece no curso de Matemática? Quantas se formam?

Seria esse um ambiente seguro e agradável para elas?

Por muitos anos a matemática foi encarada como uma área específica aos homens, pelo mito de que teriam uma tendência natural para os cálculos. Fatos como este influenciaram a visão que a sociedade tem da mulher, limitando sua entrada ou permanência em cursos voltados para a área de cálculos e profissões que exijam o conhecimento

matemático. Além da falta de estímulo, ainda há os mais diversos obstáculos enfrentados pelas que decidem desbravar este caminho.

Portanto, trazendo o poder e presença do feminino, nossa querida aluna do curso de licenciatura em Matemática, Natália Peixoto, passa a integrar nossa equipe trazendo muitos conteúdos sobre a história das mulheres na Matemática e contar um pouquinho das histórias das mulheres do IME-UFF. Além dela, temos a presença da super Melyssa, também aluna do curso de licenci-

atura em Matemática e membro do projeto História em Quadri-nhos no Ensino de Matemática - HQEM do Programa Dá Licença!

Um número com muitas novidades!

Espero que curtam muito!

Vamos em frente!

Abraços a todos!

Carlos Mathias

ME FORMEI, E AGORA?!



Nesta edição da coluna Natasha Cardoso entrevistou Katyane Anastácia, professora de matemática e aluna do Programa de Doutorado em Educação da Universidade Nova de Lisboa. Neste bate-papo, ela falou sobre sua trajetória, sua pesquisa de mestrado e doutorado e contou um pouquinho da sua experiência enquanto aluna e professora pesquisadora.

“ *Nós somos todos diferentes em todos os sentidos. A gente quer direitos iguais, mas as diferenças todas existem em todos os campos. E no campo cognitivo... não tem como eu entrar numa sala de aula e olhar pra todos os alunos e fingir que só tem um e começar a dar aula como se tivessem todos iguais e todos conseguissem entender o que eu estou falando. Infelizmente ou felizmente, não é possível.* ”

Katyane Anastácia

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
ONLINE





DICA DE VETERAN@

Daniilo Farias entrevistou o André Bentes, veterano do curso de Licenciatura em Matemática da UFF. Durante a conversa, André contou um pouquinho da sua trajetória, sua experiência no Laboratório de Ensino de Geometria - LEG/UFF e como a convivência com a professora Ana Kaleff impactou sua formação.

“É importante não só o referencial teórico, mas essa questão de postura mesmo como professor. É importante a gente discutir mais dentro do ambiente universitário, principalmente pra quem está se formando. Porque muitas vezes a gente sai da faculdade, vai começar a trabalhar e quando bater esses questionamentos na nossa porta a gente fica meio apreensivo. Ninguém me falou que eu ia ter que responder esse tipo de coisa, eu estava pronto pra falar de logaritmos e matrizes, mas não estava pronto pra falar com pai de aluno.

André Bentes

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
ONLINE



POR ONDE ANDAM...



O ex-aluno Pedro Marins contou um pouquinho sobre suas áreas de interesse para pesquisa e suas experiências enquanto professor e aluno. O Pedro se definiu como um professor lúdico, interessado em abordagens diferenciadas para sala de aula. Atualmente, ele atua na Educação Básica e Superior e é doutorando em Educação na Universidade Federal Fluminense.



“A faculdade de Matemática não é individual, é em grupo. Ela tem momentos individuais, mas é em grupo. Então, converse com seus amigos, com seus colegas. Faça a lista de exercícios com seus colegas. Faça contato com outras pessoas. Você não vive em uma ilha, isolado! Você está em um grupo.

Pedro Marins

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
ONLINE





TROCANDO EM MIÚDOS

POR CARLOS MATHIAS

EDUCAÇÃO E O IMPROVISO

Venho falar sobre um importante e desejável recurso que precisa ser mais bem utilizado na Escola: o improviso.

Normalmente, quando conversamos sobre Educação, o improviso é mal visto, como algo que decorre da falta de preparação.

Na verdade, no sentido estrito, improvisar exige muita preparação. E boa parte dessa preparação se dá pela construção de saberes que permitem aos professores funcionarem sem a segurança de estarem seguindo um roteiro pré-estabelecido.

Improvisar é uma prática docente que exige saberes profundos, sensibilidade, sagacidade, autoconfiança e autonomia.

Sabemos que roteiros previamente estabelecidos derretem rapidamente diante das circunstâncias mais corriqueiras que ocorrem nas aulas, que são percebidas pelos professores que prestam atenção.

Insistir no cumprimento de roteiros de aula, apesar das óbvias e presentes demandas por mudança, é uma prática docente excludente que não decorre necessariamente do eventual egocentrismo do professor, mas, certamente, do seu desconhecimento acerca do potencial pedagógico daqueles momentos que oferecem asas.

Bons professores não resistem a um bom voo.

Improvisos são mal vistos porque são estranhos ao mundo atual, que é repleto de roteiros pré-estabelecidos. Quando e como ensinamos, aprendemos e nos relacionamos.

Há pessoas que improvisam apenas quando se sentem impelidas pelos desdobramentos das coisas que não saem conforme o planejado. Nesses casos, os resultados do improviso são considerados provisórios ou de menor valor.

Mas, ora, qualquer professor que já tenha mergulhado em uma experiência escolar mais robusta teve contato com o ato de improvisar e com a sua imensa capacidade de conectar as suas experiências docentes às suas intenções pedagógicas. Improvisos conectam o passado do professor ao seu futuro.

Para os estudantes, viver sempre roteiros inflexíveis é como ter de fazer as suas viagens naquelas excursões em grupo, com dias certos para irem na cachoeira, na fábrica de chocolate e na vinícola em Bento Gonçalves.

Por que negamos tanto o potencial do inesperado? Por que insistimos em manter a escola segura em uma ordem ideal, alcançada ao se despersonalizar os estudantes, os professores e os processos de ensino, avaliação e aprendizagem? Improvisar diante das con-

tingências naturais e inevitáveis de qualquer situação didática pode ser um sinal do compromisso do professor com a aprendizagem de cada um dos seus estudantes. Nesses termos, improvisar é resolver problemas didático-pedagógicos em tempo real, uma técnica louvável que transforma uma proposta de ordem mal sucedida em um caos formativo. Improvisar pode ser a inflexão do fracasso para o sucesso. Improviso pode ser o nome da curva.

Como crianças éramos mestres em improvisar, navegávamos livremente pela atribuição e pelo deslocamento de significados e direções, e assim permanecemos até o momento em que finalmente nos rendemos aos roteiros pré-estabelecidos ensinados pela escola e pela vida adulta.

Com nossos olhos de criança devemos resistir e dizer que é hora de a escola se render às diferenças e prezar pelos momentos de adaptação reativa e improviso que a ela são tão necessários.

Espaços de formação não devem conter trilhos.

Educação é água.

Trem? Não.



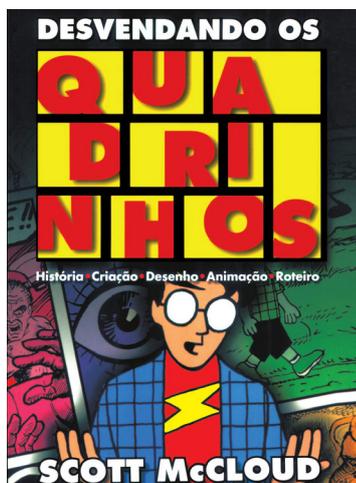
CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
AO VIDEOTEXTO
ONLINE



LIVROS E LEITURAS

POR MELYSSA OLIVEIRA TORRES

DESVENDANDO OS QUADRINHOS – SCOTT MCCLOUD



“NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, TEMPO E ESPAÇO SÃO A MESMA COISA.”

de expressão dessa mídia, passando para uma viagem histórica dos possíveis antepassados do gênero.

cial, mas que dependem de sua visão de mundo ou ainda referências anteriores, particularidades que cada um acrescenta.

Aproveita o caráter visual dos quadrinhos para propor análises sobre sua estrutura, qual o papel que a linguagem, os quadros, a sarjeta e as ilustrações exercem, como tempo e espaço se misturam, possibilitando colocar, lado a lado em uma mesma página, passado e futuro, ou ainda, como as escolhas visuais atribuem emoções e significados próprios.



QUER ESTUDAR MAIS SOBRE ESTA MÍDIA, SUAS APLICAÇÕES EM SALA DE AULA E AJUDAR A PRODUZIR QUADRINHOS MATEMÁTICOS? PARTICIPE DOS ENCONTROS DO GRUPO!

Em 'Desvendando os Quadrinhos', um dos quadrinhos escolhidos para estudo do grupo Alfabetização, Scott McCloud investiga o seu próprio meio de escrita. A história se desenrola naturalmente, começando por chamar a atenção para a definição de histórias em quadrinhos, e como não existe uma que abranja todas as formas

Conclui lembrando que autor e leitor são 'co criadores' das histórias, já que, apesar das intenções dos escritores e ilustradores, cada um dos leitores vai tirar conclusões diferentes, que se aproximam mais ou menos da ideia ini-

CONTATO:

hqemuff@gmail.com

AÇÃO



PODCAST 8/80

EPISÓDIO ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL: NECESSIDADE OU REGALIA?

Dois universitários para falar sobre os programas de assistência estudantil na Universidade Federal Fluminense.



EPISÓDIO POLÍTICA DE COTAS: VANTAGEM OU REPARAÇÃO?

Trouxemos dois universitários, um oriundo da ensino público e outro do ensino privado, para falar sobre a política de cotas nas universidades.



CLIQUE AQUI PARA CONHECER NOSSO INSTAGRAM





Matemáticas do IME-UFF

POR NATÁLIA PEIXOTO

CONHEÇA

*LHAYLLA
CRISSAFF*

Lhaylla Crissaff, 39 anos, é Bacharel em Matemática pela UFF (2003), mestre em Matemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ, 2005), doutorou-se também pela PUC-RJ (2009). Em 2008, durante o doutorado, realizou estágio de pesquisa na Freie Universität, em Berlin, Alemanha, na área de Geometria Diferencial Discreta. Durante o ano de 2009, foi professora substituta da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Em 2015 e em 2018, realizou pós-doutorado na New York University na área de Visualização de Dados. Tem interesse de pesquisa na área de Computação Visual e em temas da área de Educação Matemática. É mãe do Joaquim e teve sua licença maternidade em 2019. Desde 2010, é professora da UFF e, desde o início de 2021, é coordenadora do curso de Licenciatura em Matemática – e grande inspiração para nós, alunas e ex-alunas da UFF, que almejamos ser professoras dessa instituição, assim como ela.

CLIQUE AQUI
PARA MAIS INFOR-
MAÇÕES SOBRE A
PROFESSORA



Fonte: Acervo pessoal da professora Lhaylla Crissaff

A professora nos concedeu uma entrevista, por email, no dia 12 de julho de 2021, devido à pandemia do coronavírus, não foi possível que ela fosse realizada de maneira presencial, a partir do direcionamento das perguntas, foi elaborado esse pequeno texto com informações sobre a carreira, os planos e o posicionamento da professora referente à temática de gênero e à maternidade. Conhecer a Lhaylla é poder se deliciar com uma enorme e simples capacidade, ela é conhecida pelos colegas e pelos estudantes por sua generosidade, sua dedicação, seu profissionalismo excepcional e sua preocupação em enxergar a diversidade e a grandiosidade de cada pessoa que convive com ela. Usando as palavras de Dom Pedro II (ao escrever sobre a Condessa de Barral), epigrafa-se Lhaylla Crissaff: “Sabe falar e escutar, e é mestre

na arte de entreter. Estranhamente consegue ser superior sem tornar inferiores seus ouvintes. É uma mulher singular”.

“

Nasci e fui criada no interior do estado do Rio de Janeiro, numa cidade chamada Bom Jesus do Itabapoana-RJ. Estudei nos dois primeiros anos do ensino médio em escola pública e, no último ano, estudei em escola privada (MV1) com bolsa de estudos – me lembro até o valor que pagava de mensalidade! Entrei na UFF, por meio do vestibular antigo, em 1999 e me formei em 2003. Prestei concurso para Licenciatura em Matemática da UFF de Santo Antônio de Pádua-RJ e, no final do meu primeiro semestre letivo, pedi transferência para o curso de Bacharelado em Matemática da UFF de Niterói-RJ. Tive que recomeçar o curso do zero, devido à incompatibilidade

de currículos, mas acredito que foi o melhor para mim. Vivi bons momentos na UFF. Amadureci como pessoa e como profissional.

O curso de Licenciatura em Matemática nunca foi minha primeira opção! E nunca cursei Licenciatura, infelizmente. Um marco na minha trajetória... Eu sempre quis estudar Direito, mas sempre gostei muito de Matemática e minha mãe me incentivou a prestar o vestibular para Matemática. Ela dizia que nunca faltava emprego para professor e segui seu conselho. Era muito nova, não conhecia o mundo, vivia no interior com uma visão muito limitada de tudo... Queria mesmo era cursar Economia, mas não tive apoio familiar e hoje vejo que não tive apoio por uma certa ignorância deles. Fiz então um dos vestibulares para Matemática e o restante pra Direito.

Eu não trabalhei durante a graduação, mas tive bolsa desde o segundo período de faculdade até o final do meu curso, fosse de monitoria, fosse de iniciação científica, fosse de tutoria do Cederj. Foi com minha monitoria de Matemática Básica em 2000 que paguei meu primeiro curso de inglês! Fiz tudo que me ofereceram na universidade! No segundo semestre me tornei monitora de Matemática Básica, onde fui orientada pelo professor Sponga, que infelizmente nos deixou no ano passado. Eu me lembro de seu primeiro conselho e que uso até hoje: se você não souber alguma coisa, fala que não sabe e vai em busca da resposta para o aluno. Depois fiz iniciação científica com o professor Luiz Manoel, hoje, meu chefe no Departamento de Geometria, e foi quem me apresentou ao Cederj. Fiz parte do primeiro grupo de tutores do Cederj, quando o consórcio estava sendo criado e se desenvolvendo. Uma experiência muito importante para minha formação!

Não lembro se naquela época sabia o que era um projeto de extensão. Via meus colegas de licenciatura trabalhando no Laboratório de Ensino de Geometria (LEG), mas não tinha dimensão do que significava. Fui entender o que é extensão quando voltei como professora.

Com a pandemia, minha vida foi 100% alterada. O início da pandemia coincidiu com o fim de minha Licença Maternidade e, nesse momento, eu estava tentando me entender com a minha própria vida, tentando me posicionar dentro da minha própria vida depois de tanto tempo afastada... E veio a pandemia! Com isso, eu, meu marido e meu filho, de 8/9 meses, nos isolamos em casa sem nenhuma ajuda externa. Em particular, o início foi muito difícil! Eu tinha um filho pequeno que demandava quase 100% do meu tempo e que ainda amamentava em livre demanda, e ainda tinha todos os afazeres de casa e do trabalho. Claro que eu fiquei esquecida para conseguir passar por isso, eu e meu marido conseguimos gerar uma nova rotina com rodízio de tarefas tanto de casa, quanto dos cuidados do nosso filho, para poder dar conta de tudo... E não demos! Sempre teve uma parte negligenciada. Mas seguimos, como todos vêm fazendo.

Eu sempre quis construir uma família e ser mãe, mas minha escolha pela docência não teve relação com isso. Minha decisão de ser professora foi mais pesada pelo impulso inicial da minha mãe para realizar o vestibular de Matemática e, depois, pelo próprio encaminhamento da minha trajetória. Desde que entrei na faculdade eu queria ser professora de uma universidade. Essa foi minha meta desde o primeiro dia! E vejo que fui naturalmente levada a isso. Tinha boas notas no curso de Bacharelado em Matemática,

daí fui encaminhada pelos meus professores para o mestrado, depois para o doutorado e quando vi estava fazendo concurso na UFF para professora. Nos meus maiores sonhos eu seria professora da UFF! Sou muito feliz com essa escolha!

Quanto à representatividade feminina na área, tive professoras mulheres de matemática durante o ensino básico. Eme lembro de várias! Lembro da Tia Vera que me alfabetizou, Tia Landinha da 1ª série (hoje 2º ano), Tia Márcia da 2ª série (hoje 3º ano)... Depois me lembro bem da minha professora de Matemática do ensino médio. Ela era bonita, bem alta, loira e tinha unhas grandes. Seu nome era forte e marcante: Jacomini. Falava muito bem e se articulava com a ajuda das mãos. Parecia tão inteligente! Acredito que me senti inspirada por ela, mas não percebia muito isso naquela idade. No entanto, não tinha conhecimento de mulheres na História da Matemática, só conhecia minhas professoras de escola mesmo, sendo que algumas nem formadas em Matemática eram. Porém, depois de graduada, eu tive oportunidade de conhecer grandes mulheres dedicadas à área de exatas, não só da Matemática. Em especial, dentro da UFF. Temos profissionais incríveis na nossa instituição! Vou citar pessoas com quem trabalho diretamente e que me inspiram nos dias de hoje: Miriam Abdon (UFF), Leticia Rangel (Cap-UFRJ), Cydara Ripoll (UFRS), Tatiana Roque (UFRJ) e Maria Asuncion (UFF).

Eu recebi muito incentivo da minha mãe e da minha irmã durante minha trajetória. Minha mãe sempre esteve muito presente e me inspirou muito. Ela sempre desejou se formar professora de Matemática e viu em mim seu sonho realizado. Como professora, sustentou a mim e a minha irmã sozinha

e conseguiu nos levar a universidade. Eu não consigo me lembrar de nenhum preconceito que tenha sofrido durante o percurso inicial... Talvez minha ingenuidade não me deixasse notar, sabe? Isso foi bom em um certo ponto. Vir do interior para uma cidade maior, começar tudo do zero sozinha e com pouco

dinheiro me fez seguir em busca do que eu queria sem pensar muito. A UFF me deu tudo que tenho! Quando olho para trás e para o presente, eu só posso agradecer a UFF. Foi aqui que comecei, é aqui que queria estar, é aqui que me realizo como profissional, é daqui que sai meu sustento! Eu amo a UFF!

Por fim, tenho algo muito simples a dizer para as meninas que estão iniciando: trilhem o caminho que tiverem vontade; foquem em vocês e nos seus objetivos; não se intimidem; sigam com determinação e resiliência, pois em qualquer área haverá dificuldades e vocês precisarão de muita.

As Mentes Matemáticas detrás da História



POR NATÁLIA PEIXOTO



CONHEÇA HIPÁTIA DE ALEXANDRIA

(370 d.E.C. – 415 d.E.C., 45 anos)

Hipátia nasceu em Alexandria, Egito, em 370, filha de Theon, astrônomo, filósofo e matemático de notoriedade por sua revisão dos Elementos de Euclides, foi ainda o último dirigente do Museu de Alexandria. Ela, então, por ele, instigada e inspirada sapientemente, iniciou seus estudos, em sua cidade natal, abrangendo as áreas de geometria e filosofia. Na adolescência, residiu em Atenas a fim de dar continuidade a sua formação. Em seguida, retornou a Alexandria como professora de filosofia e matemática, recebendo

do convite para ministrar aulas no Museu da cidade, ao lado de seus antigos professores.

“A maior parte da obra escrita por Hipátia foi perdida, mas no séc. XV foi encontrada na Biblioteca do Vaticano uma cópia do seu comentário sobre a obra do matemático grego Diofanto”

(MELO, 2018)

Outrossim e apesar disso, Hipátia é famosa por sua contribuição às seções cônicas, conteúdo abordado inicialmente por Apolônio, cujo a obra revisou para seu texto Nas Cônicas de Apolônio, desenvolvendo noções de elipses, hipérbolas e parábolas. A matemática ainda era reconhecida por anotações de simples compreensão que escrevia nos livros, tornando consistentes e laboriosos temas mais acessíveis aos futuros leitores. Assim, foi notada de maneira similar a outras grandes mentes como os próprios Apolônio e Diofanto, além de Euclides, Hiparco e Ptolomeu. Além de sua vasta capacidade intelectual, possuía demais predicativos que chamavam à atenção, por exemplo, sua beleza e sua cultura.

Segundo O’Connor e Robertson (1999), Hipátia é considerada a primeira mulher a trazer significativos e substanciais avanços à matemática – embora não seja a primeira nem a única da mesma

época da qual se tem documentos – e tem um importante feito em cerca de 400 d.E.C. ao chefiar a escola platônica de Alexandria. Em filosofia, ela se alicerçou em Platão, filósofo que defendia que o objetivo da vida humana era alcançar a realidade em verdade – acima da compreensão do pensamento e da linguagem –, e no neoplatinismo, iniciado com a fundação da escola alexandrina. Nesta área, também recebeu destaque pelo alto teor científico com o qual abordava os conteúdos. Em ambos os campos, ela era referenciada como professora carismática e erudita.

Os mesmos autores expõem que Hipátia veio a simbolizar o aprendizado e a ciência que os primeiros cristãos identificaram com o paganismo. No entanto, entre os alunos a quem ela ensinou em Alexandria, havia muitos cristãos proeminentes. Um dos mais famosos é Sinésio de Cirene, que mais tarde se tornaria bispo de Ptolemais. Muitas das cartas que Sinésio escreveu a Hipátia foram preservadas e vemos alguém cheio de admiração e reverência pelo aprendizado e habilidades científicas de Hipátia. Quando em 412, Cirilo (mais tarde São Cirilo) tornou-se patriarca de Alexandria, o prefeito romano de Alexandria era Orestes. Cirilo e Orestes tornaram-se rivais políticos

acirrados enquanto a Igreja e o Estado lutavam pelo controle. Como Hipátia era amiga de Orestes e também devido a sua visão filosófica considerada pagã ela adquiriu inimizades, de má sorte que Hipátia morreu brutalmente assassinada em março de 415, por questões políticas e religiosas (Melo 2018).

Conquanto buscas na internet e em bibliotecas resultem a nenhuma menção a Hipátia, como no livro *Tópicos de História da Matemática* (ROQUE, PITOMBEIRA, 2012), e outras fontes a citem meramente por “uma jovem culta que escreveu os comentários sobre Diofante” (BOYER, 1996 apud MELO, 2018) ou ainda, num primeiro momento, atrelem a ela o aposto de filósofa, a título de exemplo, a descrição da matemática no site Wikipedia; sua morte foi o marco do declive da ascensão e da teorização matemática, pois, com ela, demais pesquisadores e professores fugiram, com medo, de Alexandria, de maneira que o estudo formal e oficial da matemática na cidade sofreu uma lacuna de quase um milênio.

Para além do apreço com o qual seu trabalho vem sendo tratado por personalidades insígnies como Voltaire e Russel, algumas homenagens póstumas foram feitas a Hipá-



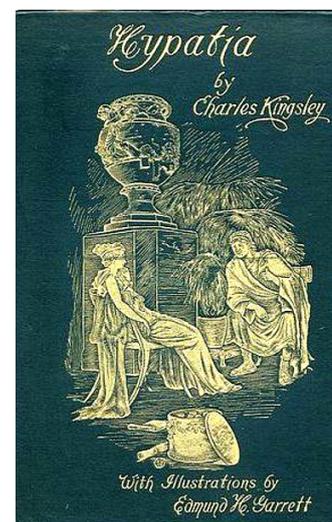
“A Escola de Atenas” de Raffaello Sanzio, Hipátia de branco em pé no primeiro andar à esquerda.



Hipátia representada por Rachel Weisz em cena, na biblioteca de Alexandria, do filme *Ágora*

tia e podem ser vistas fotos ao lado da capa do livro *Hypátia* de Charles Kingsley (1853), para o qual foi inspiração e da cena do filme *Ágora*, dirigido pelo espanhol Alejandro Amenábar, lançado na Espanha em 2009 e traduzido para o português (Brasil) como *Alexandria*, no qual sua vida é retratada pela atuação da britânica Rachel Weisz. Acima está o afamado quadro “Escola de

Atenas” do italiano Raffaello Sanzio, pintado entre 1509 e 1510 como encomenda para o Vaticano, no qual, Hipátia é a única mulher representada junto a outras 20 identidades marcantes da escola platônica, porém, do sexo masculino.



Capa do romance *Hypatia* de Charles Kingsley com ilustração de Edmund H. Garrett, edição de 1897

FALANDO SÉRIO



Natália Peixoto conversa sobre as dores e as delícias de ser matemática no mundo contemporâneo. Ela apresenta sua pesquisa de monografia, compartilha sua experiência docente e discente e conta algumas histórias de mulheres que cursam e cursaram matemática na UFF.



CLIQUE AQUI PARA ASSISTIR





EVENTOS ONLINE 2021

História da Matemática em tempos de pós-verdade
com Tatiana Roque (UFRJ)

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
ONLINE



Educação Financeira Escolar:
pesquisas e implicações pedagógicas
com Cristiane Pessoa (UFPE)

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
ONLINE



Ressignificando as aulas de
Matemática no Ensino Remoto com o
uso de ferramentas digitais

com Eliane Gazire (PUC-MG) e
Tatiane Mota (PUC-MG)

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
ONLINE



Como representações simbólicas
podem auxiliar a aprendizagem da
Combinatória?

com Rute Borba (UFPE), Juliana
Montenegro (UFPE), Marilena Bittar (UFMS)

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
ONLINE



CONTATO E REDES



dalicencajornal@gmail.com



@programadalicenca



<http://dalicenca.uff.br/projetos/jornal/>



/programadalicenca